José Miguel Cardoso

Anacrusa

Entre o Natal e a Páscoa

EDITORIAL AO

Capa
Romão Figueiredo

Paginação
Editorial AO

Impressão e Acabamentos
Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal n.º
572080/26

ISBN
978-972-39-1056-8

Novembro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

A todos os pacientes professores de música

Prefácio

Na sua extensa história, o jornal *O Conquistador* narrou inúmeros eventos da vida eclesial e social vimaranense, bem como hospedou diversos cronistas que, com a sua reflexão, forneceram chaves hermenêuticas para a leitura dos *sinais do tempo*.

A presente obra recolhe o contributo do presbítero José Miguel Cardoso, natural deste concelho (São Torcato), que, entre 2020-2025, nos agraciou com algumas crónicas e que, gentilmente, facultou agora os direitos de autor desses textos ao mesmo jornal para publicação.

Neste percurso cronista, intuímos como Deus também se revela nas coisas mais incomuns e despercebidas da nossa realidade, desde uma porta, um encontro, um silêncio, uma mesa, um telhado, uma lágrima, um sapato, uma palavra, uma roupa, um riso, um ovo e um burro.

O texto permite-nos, assim, passar do *telescópio* ao *microscópio* evangélico: mais do que tentar descobrir a localização geográfica de um Deus distante, importa saber discernir a presença de um Deus que está demasiado

próximo. Afinal, Deus não está tanto «acima de nós», mas «entre nós» (*Mt* 18, 20).

A todos os que possuírem em mãos esta obra deixamos votos de uma profícua leitura!

P. Paulino Carvalho
Diretor do jornal *O Conquistador*

Introdução

«Eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve»
(*1 Cor* 7, 29).

– «Recomeça!»

– «Por que motivo me mandou parar a música já ao início?»

– «Porque não respeitaste a anacrusa».

De um lado, um paciente professor de música. Do outro lado, um jovem que pensava que seria o novo Mozart. E desde aquelas primeiras aulas de piano no Seminário Menor fiquei um amigo perene desta palavra «anacrusa».

Na teoria musical, *anacrusa* refere-se a uma nota (ou conjunto de notas) que antecede o primeiro tempo forte de um compasso, geralmente logo ao início da música, e encontra a sua resolução rítmica no compasso seguinte. Embora pareça supérflua e insignificante, ela enfatiza a nota que se lhe sucede, dando uma certa sensação ornamental e valor expressivo à música. A etimo-

logia do nome assim o indica: ἀνά (antes) + κροῦσις (batida/golpe). Portanto, anacrusa é aquele *instante* que está «antes da batida»: que antecede e prepara a batida inicial. Noutra linguagem, um tempo precedente débil que «prepara a chegada» de um tempo forte. E o que é que a anacrusa tem a ver com o Cristianismo? Nada. Alguma coisa. Ou talvez tudo.

Se o tempo é a «medida do movimento» (Aristóteles), o Cristianismo descreve-se, na sua essência, como um *tempo em tensão*. Não se concebe como um *tempo cíclico*, cujo presente se repete continuamente (eterno retorno), nem um *tempo linear ininterrupto*, cujo presente é uma inevitável consequência do passado. Mas, nas palavras de Paulo, um tempo que «é breve» (*1 Cor* 7, 29). Breve não no sentido de uma «reduzida duração cronológica», que se contrapõe a um «tempo longo», mas no sentido de que possui um *terminus*: é breve porque é um tempo que terá um fim. Um tempo que foi abreviado ou, traduzindo à letra o texto bíblico original, um tempo que «foi recolhido» («συνεσταλμένος ἐστίν»), tal como quando se recolhe/baixa as velas de um barco (F. Manzi). Mas porque foi abreviado este tempo? É a certeza de haver um fim que faz com que o tempo cronológico deixe de ser um tempo cíclico ou linear ininterrupto, sendo agora um tempo breve, ou seja, um tempo com um prazo, um limite, um final. A intenção de Paulo não é a de cronometrar o tempo, mas apresentar um novo modo de se compreender o tempo e, por conseguinte, um outro modo de se habitar o tempo.

Este fim cria uma *tensão* sobre o presente: porque é esse fim que explicará o significado do início e do meio. E quando será esse fim cronológico? Aquando da parusia de Cristo (*Mt* 24, 30-31; *At* 1, 11; *1 Ts* 4, 16-17; *Tt* 2, 13; *Ap* 1, 7; 22, 12). Se com a criação do mundo começa a contagem do tempo cronológico, com o fim do mundo (parusia) terminará essa mesma contagem e tipologia de tempo: passamos à eternidade. Em suma, vivemos «o tempo que resta» (G. Agamben) entre o tempo presente e o seu fim enquanto tempo cronológico.

Acresce ainda que, segundo a mesma conceção cristã, vivemos historicamente a expectativa da terceira vinda do Filho de Deus (parusia): após a espera da sua *encarnação* (Natal) e a espera da sua *ressurreição* (Páscoa). Se Cristo (Filho de Deus) é o mesmo ontem, hoje e amanhã (*Hb* 13, 8), então o Cristo que esperamos não será um totalmente outro daquilo que já d'Ele conhecemos em parte, mediante essa sua revelação (K. Rahner). Logo, quanto mais conhecermos o mistério das duas primeiras vindas (encarnação/Natal e ressurreição/Páscoa), mais intuímos o mistério da sua vinda última (parusia).

Com base nisto, não é de todo errado afirmar que, cristãmente, vivemos um *momento de anacrusa*: um tempo ainda débil (pautado pela fragilidade e finitude) que precede um tempo forte, que corresponderá à plenitude final do tempo (*Ef* 1, 9). Por ser uma anacrusa, estes dois tempos (débil e forte) não estão separados entre si, mas interligados: o débil precede e prepara o forte; o forte ilumina e enriquece o

débil. E como será a plenitude desse tempo forte (final)? A resposta encontra-se algures neste livro.

Assumindo a imagem do movimento da «roda dentro de outra roda» narrada pelo profeta Ezequiel (*Ez* 1, 15-17), conciliamos assim dois movimentos: o *movimento cosmológico* de uma criação que tende para a sua plenitude (parusia) e o *movimento litúrgico*, dentro deste movimento cosmológico, que ciclicamente nos recorda e atualiza o mistério do Natal e da Páscoa (*Sacrosanctum Concilium*, 102).

É dentro deste cenário que nasce a presente obra, a qual recolhe os artigos escritos bianualmente para o jornal *O Conquistador* (Guimarães), entre 2020-2025, por ocasião da celebração do (Advento) Natal e da (Quaresma) Páscoa. Trata-se de doze textos frágeis que misturam «teologia e cultura», limitando-se a ler os sinais dos tempos (*Gaudium et spes*, 4) à luz do mistério natalício e pascal, a fim de interpretar a presença de Deus nos mais diversos detalhes da nossa realidade e discernir os caminhos que melhor promovem a visibilidade do seu Reino (*Mc* 1, 15). Daí a razão do subtítulo: *entre o Natal e a Páscoa*.

Por opção editorial, os textos são reproduzidos na íntegra, ou seja, sem qualquer alteração de conteúdo aquando da sua publicação original. Pela mesma razão, sendo textos escritos inicialmente para um jornal, as indicações bibliográficas limitam-se à identificação, entre parêntesis, do nome do autor abordado.

Por fim, o que interessa realmente a um cristão (e ao humano em geral!) não é calcular ou recear a data do úl-

timo dia (final do tempo), mas como viver plenamente este tempo que se contrai entre o presente e esse último dia (parusia). Um dia que não deve ser entendido como uma tragédia apocalítica, mas uma advertência existencial para o presente: não devemos viver ao acaso, mas em conformidade com aquilo que esperamos (*Mt* 5, 3-12). Para um seguidor de Cristo, o tempo presente é apenas uma *anacrusa* do tempo final que se aguarda. Um tempo breve, mas para ser vivido em intensidade. E se vivemos dentro de uma «anacrusa musical», então que não seja para cantar de qualquer maneira, mas para «cantar com arte» (*Sl* 33, 3; 47, 8).

José Miguel Cardoso

Índice

Prefácio 7

Introdução 9

A Porta da Páscoa
Pensar a fé e o covid-19 a partir da metáfora da porta 15

Jesus teria tido covid-19?
Contemplar o Natal como «narrativa do encontro» 19

A morte como *Niederschlag* da vida
Do silêncio de José ao silêncio da Cruz 25

Construtores de telhados
O contributo psicológico da ceia de Natal 31

O Deus de Zelensky
Compreender o mistério pascal mediante a «mística das lágrimas» 37

As mulheres de Berlim
Para uma comunidade mais feminina e menos feminista .. 43

Os sapatos do Danúbio
Pensar a ação política a partir da podologia..... 49

Museu de Palavras
Para um Cristianismo etimológico..... 55

Deus, o primeiro industrial têxtil
A roupa como elemento teofânico 61

As risadas de Deus
O humor como fórmula espiritual..... 67

A tática dos ovos
A esperança como azimute da evangelização 73

Onoterapia espiritual
Os burros na vida de Jesus 79

Índice 85